

## **O ESCRITOR VIAJANTE E OS CAMINHOS DA ESCRITA: IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO E O OFÍCIO DAS IDEIAS**

Wagner Merije (Wagner Rodrigues Araújo)<sup>1</sup>

**Resumo:** A entrevista inédita com Ignácio de Loyola Brandão, conduzida por Wagner Merije, revela a trajetória de um dos mais significativos autores brasileiros contemporâneos, cuja obra transita entre o jornalismo, a literatura e a crônica de viagem. O autor rememora sua formação em Araraquara, os primeiros passos no jornalismo e a construção de uma voz literária marcada pelo engajamento ético e estético. Em suas respostas, Ignácio de Loyola Brandão destaca a função crítica da literatura, sua relação visceral com a escrita e o papel da ficção na formação de consciências. O texto apresenta reflexões sobre o ofício de escritor, o processo criativo, a influência do cinema e a dimensão política da literatura, revelando a complexidade de um pensamento atento às transformações do Brasil e do mundo. Ao longo da entrevista, emerge a figura do “escritor viajante”, que transforma a errância em matéria literária e a experiência em lucidez crítica. Esta entrevista contribui para ampliar os estudos sobre literatura contemporânea, memória, engajamento e escrita de si.

**Palavras-chave:** Ignácio de Loyola Brandão; literatura brasileira contemporânea; escritor viajante; engajamento literário; processo criativo.

**Abstract:** This unpublished interview with Ignácio de Loyola Brandão, conducted by Wagner Merije, traces the journey of one of the most significant contemporary Brazilian authors, whose work moves between journalism, literature, and travel writing. The author recalls his formative years in Araraquara, his early steps in journalism, and the shaping of a literary voice defined by ethical and aesthetic engagement. In his responses, Ignácio de Loyola Brandão highlights literature’s critical function, his visceral relationship with writing, and the role of fiction in shaping social consciousness. The interview offers reflections on the craft of writing, the creative process, the influence of cinema, and the political dimension of literature, revealing the complexity of a thought deeply attuned to the transformations of Brazil and the wider world. Throughout the conversation, the figure of the “travelling writer” emerges—one who turns errancy into literary material and lived experience into critical clarity. This interview contributes to expanding studies in contemporary literature, memory, engagement, and self-writing.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), é investigador em Estudos Interculturais e estudioso das obras de José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão. Organizou e editou volumes de autores como Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, Padre António Vieira, Gil Vicente, Antero de Quental, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Camilo Pessanha, Pêro Vaz de Caminha etc. Publicou obras de ficção e não ficção, entre as quais *Um Furacão em Lisboa* (2025), *Sol do Novo Mundo* (2022), *O Cotovelo Kovid* (2020), *Psyche & Hamlet vão para Hodiohill* (2019), *Cidade em Transe* (2015), *Viagem a Minas Gerais* (2012) e *Mobimento – Educação e Comunicação Mobile* (2012), finalista do Prêmio Jabuti na categoria Educação, entre outras. E-mail: wmerije@gmail.com.

**Keywords:** Ignácio de Loyola Brandão; contemporary Brazilian literature; travelling writer; literary engagement; creative process.

\*\*\*

Ignácio de Loyola Brandão sempre foi curioso. A partir do momento que despertou nele a vontade de decifrar o rio de sua aldeia, Araraquara, sua consciência foi se alargando. E ele se pôs na estrada, em movimento, em busca de tentar entender o seu país e o seu mundo, e a registrar suas descobertas e inquietações em livros e mais livros. Como seria natural, em suas narrativas volta e meia aparecem personagens em trânsito ou mesmo a empenharem viagens de (auto) descobertas. Além disso, ele gosta de dizer que é um dos escritores que mais viajou pelo Brasil e para fora dele para participar de feiras e eventos literários no Brasil, para encontrar leitores e leitoras.

Foi no Brasil, no interior de São Paulo, na cidade de Araraquara, situada a cerca de 270 quilômetros da capital do Estado, que Ignácio de Loyola Brandão nasceu em 31 de julho de 1936. Aos 16 anos começou a colaborar com críticas cinematográficas para um pequeno jornal local, o semanário, *Folha Ferroviária*, o que despertou nele a vontade de se dedicar à escrita. Em seguida, foi para o diário *O Imparcial*, onde trabalhou por cinco anos fazendo reportagens, entrevistas, impressões e fotografias.

Em 1957, resolveu mudar-se para a capital, São Paulo, onde arranhou emprego no jornal *Última Hora*. Pouco tempo depois, em 1963, conseguiu o cargo de correspondente do jornal *Última Hora* na Itália e foi para a Europa. Nesse período, também fazia reportagens para a TV Excelsior, sendo que uma de suas coberturas de destaque foi a morte do papa João XXIII.

Durante sua carreira jornalística colaborou outros importantes veículos da imprensa brasileira, como as revistas Cláudia, Realidade, Planeta, Ciência e Vida, Vogue, e os jornais *O Estado de São Paulo* (para quem escreve frequentemente desde 1993), e o francês *Lui*, o que lhe deu experiência e traquejo no uso das palavras.

O autor estreou na literatura em 1965, com a publicação de *Dentes ao Sol*, uma coletânea de histórias da noite da cidade de São Paulo nos anos 60, que nas palavras do escritor é seu livro preferido e seu “maior fracasso”. Em pleno ano de 1968 edita seu primeiro romance, *Bebel que a cidade comeu*, em que narra com sarcasmo acontecimentos da época da repressão política dos anos 60 no Brasil, um dos períodos mais nefastos da história do país. Ainda em 1968, Ignácio de Loyola recebe o Prêmio Especial do Primeiro Concurso Nacional de Contos do Paraná com a compilação de contos, *Pega Ele, Silêncio*.

Em 1974, dá início à redação do romance *Zero*. O dramaturgo Jorge de Andrade foi leitor, contribuiu para que o romance chegasse à sua versão final e ajudou no processo de publicação. Recusado pelas editoras brasileiras, a obra ganha sua primeira versão na Itália. Em 1975, a obra foi publicada no Brasil, mas a censura da ditadura militar vetou sua venda, sendo disponibilizada somente três anos depois. Foi com *Zero*, e o seu “realismo feroz”, como chegou a ser descrito por Antonio Candido, que Ignácio de Loyola Brandão ganhou destaque. Consta que a obra já vendeu mais de 900 mil exemplares.

Em 1977 Ignácio de Loyola Brandão viajou a Cuba como júri do Prêmio Casa de Las Américas, o que certamente o inspirou a publicar no ano seguinte o livro *Cuba de Fidel: Viagem à Ilha Proibida*.

Um de seus clássicos e seu *best-seller* até hoje é *Não verás país nenhum*, de 1981. Esta obra já conta com mais de um milhão de cópias vendidas.

No mesmo ano do lançamento de *Não verás país nenhum*, o escritor viajou para Berlim a convite da fundação cultural Deutscher Akademischer Austauschdienst, onde viveu por 16 meses. De volta à terra natal, publicou *O Verde Violentou o Muro* (1984), uma obra jornalística com relatos de viagem construída a partir das experiências que teve na cidade de Berlim cercada pelo muro.

Em 1985, o autor fez uma carta aos seus filhos, intitulada *Manifesto Verde*, na qual reforça o alerta sobre a necessária conservação da natureza e apresenta os desafios que não só os jovens, mas como todos, teremos que enfrentar em prol da preservação da vida na Terra.

Em seu currículo já conta com mais de quarenta e cinco obras literárias, sendo que alguns foram traduzidos para diversos idiomas, incluindo alguns menos convencionais, como húngaro, tcheco e sul-coreano.

Em 2016, às vésperas de completar 80 anos, Ignácio de Loyola Brandão recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL) ao escritor pelo conjunto da obra. Por essa época, seu nome foi cotejado para uma eventual vaga na ABL – mas ele não aceitou. Depois disso, três escritores, um cineasta e um jurista foram eleitos “imortais”.

Em 2018, após um interregno de mais de uma década sem publicar ficção, o autor retornou ao romance e publicou *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, um livro cujo título veio de uma citação de Brecht e que nasceu da sua observação do “momento confuso (...) do Brasil” após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Em 2019, Ignácio de Loyola Brandão, que já era membro da Academia Paulista de Letras, concorreu com outros onze candidatos à vaga do jurista Helio Jaguaribe, falecido em setembro de 2018, e foi eleito por unanimidade para a cadeira nº 11 da Academia Brasileira de Letras.

Ignácio de Loyola Brandão também foi agraciado com outras distinções, como o Troféu Juca Pato de “intelectual do ano” de 2019, pela União Brasileira de Escritores (UBE), o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, o Prêmio Fundação Biblioteca Nacional, dois Prêmios Jabuti, além de alguns títulos de Doutor Honoris Causa (*até o momento da edição desta entrevista*).

Ignácio de Loyola já declarou várias vezes que começou a ler em casa, com o pai, um ferroviário simples que tinha mil livros nos anos 1940 e que depois do trabalho, ao invés de ir para o bar, como outros pais daquela época faziam, ia direto para casa e dedicava umas horas aos livros. Ficaram boas lembranças para o filho de que a leitura é pura mágica.

Com tanta experiência, com tanta quilometragem, Ignácio de Loyola Brandão tem muito assunto, e foi em busca de tentar compreender melhor os caminhos de sua escrita e como ele vive o seu ofício, que enderecei a ele várias questões por

e-mail da qual saíram as respostas para esta entrevista inédita para a presente edição da Revista Criação & Crítica.

\*\*\*

**Wagner Merije (WM)** - No seu começo na literatura, quais foram suas maiores dificuldades?

**IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO (ILB)** - Não saber estruturar a ação. Fazer cada personagem falar de um modo que fosse identificado pela fala. Cortar o desnecessário.

**WM** - Quem foram os escritores que apostaram em você como autor?

**ILB** - Ibiapaba Martins, paulista, que era especialista no período do café, como riqueza, Antonio Torres, hoje comigo na Academia. Marcos Rey. Lygia Fagundes Telles.

**WM** - O que o Jornalismo te ensinou de mais precioso?

**ILB** - Olhar a vida. Conhecer as grandes sacanagens e o lado sóbrio do crime, da pobreza, da corrupção. Buscar o que está atrás, oculto. Buscar na vida os assuntos, os temas, as personagens. Reproduzi-la. Sintetizar. Dizer o que deseja com um mínimo de palavras. Ter compaixão.

**WM** - Como você descreveria sua experiência como escritor viajante por tantos diferentes lugares?

**ILB** - Na crônica que escrevi sobre minha ida a Paragominas, Pará, disse que fui de lá para Frankfurt, a 20 mil quilômetros de distância. Do nordeste do Pará a Belém foram 400 quilômetros, feito em quatro horas de carro. Depois, Belém a São Paulo, três horas e meia de avião. Sete horas e meia e cortei apenas um pedaço do Brasil. Depois, atravessei o Atlântico, passei por cima de alguns países, e em onze horas desci na Alemanha. Caipira que sou, ainda admiro esse nosso país e como o tempo e as distâncias vêm sendo relativizadas pelo homem. Muitas vezes penso:

por que estou fazendo isso? Não deveria estar sossegado, lendo um livro na varanda, jogando dominó no bar da esquina, ou dama? Mas quando me vejo num retão infinito como este que leva de Belém a Paragominas, atravessando cidades com nomes como Castanhal, Aurora do Pará, Irixuma, Irituia, Garrafão do Norte, Cachoeira do Piriá ou Mãe do Rio, me acalmo, desfruto e gosto. Já comentei isso na abertura do meu livro de viagens pelo Brasil, *O Mel de Ocara*. Sou (somos – minha geração) saltimbanco, percorro (percorremos) o país contando histórias, falando do processo de criação, discutindo a formação de leitores, comentando ou criticando a ausência de políticas culturais ligadas à literatura, avaliando a política governamental e os partidos. Conheci o Brasil inteiro nos últimos 40 anos, atravessando em todas as direções, com os mais diferentes companheiros. O que vocês lêem em *O Mel de Ocara*, um livro que prezo muito, amo mesmo, são momentos dessas viagens. Não é trabalho acadêmico. São crônicas, quase contos, reportagens literárias, bem humoradas em que falo da formação de leitores, das curiosidades de cada lugar, do típico ou regional que se mantém, da maneira de se expressar, do vocabulário. E do comer.

**WM** - Qual o lugar da literatura na sociedade brasileira?

**ILB** - Desapareceram os suplementos literários, as páginas dedicadas à literatura. E quando vejo as lista de mais vendidos, me dá um desânimo! É tudo livro de autoajuda, regras para ser feliz, regimes, dieta, beleza. Agora literatura, não há nenhuma colocação. E me pergunto também qual o lugar da literatura. Só que aí digo, para mim mesmo, que vou continuar fazendo o que faço há 30 anos, isso de ir para todos os lugares, porque tem um grupo fazendo, e outro, e outro, tem pessoas fazendo. São focos isolados de resistência, como havia, durante a guerra, focos contra o nazismo e contra o fascismo. Temos essa resistência e acredito nela. E se a gente parar, vai piorar.

**WM** - Qual a importância da literatura nos dias de hoje?

**ILB** - Resposta acima, abrir consciências, dando prazer. Ou provocando horror. Dando uma porrada. Ah, não se esqueça do sarcasmo, do humor sutil que perpassa tanto em *Não Verás...* quanto em *Desta Terra...* Isso é parte essencial em minha escrita.

**WM** - Como livros (experiências literárias) podem contribuir na construção de uma sociedade menos violenta, mais inclusiva e mais justa?

**ILB** - Talvez abrindo consciências, alargando as mentes, conseguindo conversões. Quem constrói uma sociedade menos violenta somos nós mesmos, com nossas ações, contestações, manifestações, batalhas no dia a dia. Com nossos votos, nossas constituições, nossa rebelião contra as injustiças e tiranias. Além de escrever, participar dos movimentos pela justiça e contra preconceitos e racismos e tudo o mais.

**WM** - O que você sente quando está a escrever?

**ILB** - Prazer, felicidade, tesão, loucura, fadiga, raiva, consolo, sabor, júbilo, saco cheio, tormento, alento, arrebatamento, gozo, bem aventurança, medo, pavor, abatimento, prostração, delícia, excitação, horror, enlevo, transtorno, sangue frio, meiguice, indulgência, apreensão, responsabilidade, rigor, ventura, pânico. Escrever, principalmente um romance é comandar um airbus com 300 passageiros à bordo, devendo conduzi-lo com cuidado para aterrissarmos bem, com todos vivos e felizes.

**WM** - Você se envolve com as personagens, sente os sentimentos e sensações delas?

**ILB** - Como não se envolver se sou elas. Elas são eu. Criei, dei vida, alma sentimentos, problemas, amo e sofro com eles, somos humanos. Muitas vezes, enquanto escrevo, minha mulher Márcia fala comigo, e respondo como se fosse o personagem do livro e ela me diz: agora, saia de sua plataforma e desça ao nosso lar. Desço.

**WM** - Qual a influência do cinema na sua maneira de contar histórias?

**ILB** - Alguns textos tento fazer como se fossem roteiros, imagens, imagens, imagens.

**WM** - Além de Fellini, que outros realizadores o tocaram e de que forma?

**ILB** - Elia Kazan, Godard, John Ford, René Clement, Nelson Pereira dos Santos, Kurosawa, Arthur Penn, Ingmar Bergman, Dino Risi, Coppola, Kubrick, Clouzot, Sergio Leone, Douglas Sirk, René Clair. E basta!

**WM** - Pensou alguma vez em você mesmo dirigir a adaptação para o cinema de propostas tão visuais como *Zero, Não Verás... e Desta terra...?*

**IBL** - Pensei em ser cineasta na juventude. Reciclei o sonho. Sei que não sou diretor.

**WM** - Como explica que esses livros não tenham ido para as telas ainda?

**ILB** - São livros infilmáveis. Ao menos assim eu vejo. Pretensão? Que seja, quem não é um pouco? Ou muito em certos casos.

**WM** - Você costuma revisar e modificar seus livros ao longo das novas edições?

**ILB** - Não. Publicou, está publicado. Mas abri exceções. Mudei títulos: *O Ganhador* se tornou *A Noite Inclinada*. O infantil *Cães Danados* tornou-se *O Menino que não teve Medo do Medo*. Na segunda edição de *O Beijo não Vem da Boca* tirei 80 páginas e assim ficou. O editor me apressou tanto que entreguei e quando vi quase morri. Quando em 1985 conheci Miguel Torga fiquei admirado ao saber que a cada edição ele mexia no texto.

**WM** - Se arrepende de ter lançado alguma obra sua?

**ILB** - Não.

**WM** - Qual seria/é sua marca ou estilo como escritor?

**ILB** - Sou urbano, minha literatura é urbana, a cidade me fascina. Peço a ajuda de Antonio Candido que me definiu como um realista feroz.

**WM** - Por quê você ainda escreve?

**ILB** - Se não escrevesse ia me drogar, beber, virar sem teto acho que até matar gente. Não escrevesse queria planejar turbinas de aviões a jato. Ou pular amarelinha. Não imagino minha vida sem escrita. Ela me ajuda a ter certa segurança, a seduzir pessoas. Ou imaginar que seduzo.

**WM** - Você se considera um autor bem sucedido? O que a literatura te deu?

**ILB** - Estaria acabado se me considerasse. Ainda tenho muito a aprender. Ainda sou inseguro. Não busco fama. Quero escrever um bom livro, um belo livro, e tento,tento. O que a literatura me deu? O que ela me deu? Certeza de que este era o meu sonho. Não sei fazer outra coisa.

**WM** - Você vê sua escrita como um certo tipo de engajamento político-ideológico?

**ILB** - Qualquer bom livro do mundo acaba engajado em um ideia ou política, de Victor Hugo a Alexandre Dumas, a Tolstoi, a Saramago, Pasternak, Nabokov, Garcia Márquez, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Antonio Callado. Não há como escapar. O que não podemos ser é panfletistas em nossos livros, aí eles se perdem, são para a porta de fábrica.

**WM** - Como você vê as guerras?

**ILB** - Com horror, são a destruição. Loucura do ser humano que não vive sem ela. A humanidade é uma coisa doente.

**WM** -Vê saídas para a Humanidade?

**IBL** - Ela sempre sobrevive, não é suicida, ainda que pareça às vezes.



**WM** - Como gostaria de ser lembrado?

**IBL** – Nasci, cresci, estou fazendo o que tinha de fazer.